DANÇANDO COM O MILLAYAH LAFF

Artigo por Farida Fahmy, Mestre em Etnologia da Dança pela UCLA

Há alguns anos, pretendo escrever sobre o millayah laff e como ele foi introduzido na dança dentro do repertório da Trupe do Reda. Eu sempre adiava, enquanto esperava diminuir minha frustração e desapontamento. Espero continuar a mais objetiva possível neste artigo, apesar das minhas opiniões críticas.

Farida Fahmy, maio de 2014

O que é o Millaya Laff?

O millayah laff se originou, muito provavelmente, do “habarah” que era uma veste usual no Império Otomano, no século 19. O habarah era o nome dado a uma capa de seda longa que cobria toda a vestimenta das mulheres abastadas ao saírem de suas casas. Edward Lane descreve o habarah em seu livro "Os Modos e Costumes dos egípcios modernos", escrito em meados do século 19, como sendo,

> “… composto de dois pedaços de seda preta e brilhante, cada uma deles com a largura “ell”[1], e “três jardas”[2] de comprimento: Estes são costurados nas ou próximas às ourelas (de acordo com a altura da pessoa) ; a costura corre horizontalmente em relação à maneira como é usada …… .. ”

Ele prossegue dizendo que as mulheres que não eram das classes mais pobres usavam uma capa que era semelhante à forma do habarah, mas feita de algodão, tanto em xadrez azul e branco ou listras cruzadas e era chamada de “mileyah”, por conseguinte, o nome “millayah”. Não se sabe quando ou por quanto tempo demorou para o habarah evoluir e se tornar o millayah laff como o conhecemos.

Bint al-balad e o Millayah Laff

O millayah laff significa literalmente um manto de embrulhar. Era uma capa que era usada pela bint al-balad (literalmente, filha do país). É um termo atribuído às mulheres de grupos sociais que residem nas comunidades urbanas dos bairros antigos e centrais das cidades e dos povoados na região do delta e na Zona do Canal. Nos anos de 1930, 40, 50 e nos primeiros anos da década de 1960 do século 20, era muito comum ver mulheres de todas as idades vestindo o millayah Laff nas ruas e vielas do coração do Cairo e em outras cidades do interior.

O millayah laff, ou somente o millayah, não era usado apenas por mulheres das classes trabalhadoras ou por aquelas que viviam com rendas menores, mas também fazia parte da tradição do vestuário das mulheres abastadas, como as esposas e filhas de comerciantes ricos. O millayah era feito de crepe preto grosso que era usado em vestidos de estilo pseudo-ocidental que seguiam as tendências da moda da época. As mulheres também usavam gallabiyahs semelhantes à gallabiyah urbana masculina, mas com um corte adaptado à figura feminina.

---

[1] Medida aproximada da distância entre o cotovelo de uma pessoa até o seu dedo médio. Aproximadamente 18 polegadas (45,72 cm).

[2] Aproximadamente 2,74 metros.

O tipo de material usado para o millayah variava de puro algodão a mesclas de

alta qualidade de seda e algodão ou seda e tecidos de lã. Com o tempo, ele evoluiu para uma versão mais curta de aproximadamente 2,75 metros de comprimento e 1,50 de largura. O millayah junto com o burq' (um véu de rosto feito de um tecido um pouco amassado ou de renda) eram produzidos em fábricas têxteis e vendidos prontos para vestir. O burq' desapareceu gradativamente antes que as mulheres deixassem de usar o millayah. Foram as gerações mais jovens que pararam de usá-lo diante dos anciãos de suas famílias, pois os mais velhos eram menos propensos a renunciar a uma tradição de longa data em suas vidas.

Bint al-balad é caracterizada como sendo inteligente, animada, direta, charmosa e, o mais importante, confiável. Até hoje, uma mulher que apresenta essas características é referida como uma verdadeira bint balad. No entanto, como em todas as sociedades, há uma exceção à regra e sempre há aqueles que se desviam da norma.

Bint el balad no repertório da Trupe do Reda

Um dos elementos mais confusos que levam ao equívoco sobre o millayah e o papel que o desempenhou na dança é o seu nome "a dança millayah". Isso levou todos os dançarinos(as) estrangeiros(as) a acreditarem que esse tipo de dança é uma dança tradicional ou nativa que ainda acontece nas ruas ou vielas das cidades do interior. Na verdade, a dança da bint al-balad com o millayah foi primeiramente introduzida pela Trupe do Reda como uma apresentação de dança teatral. Nas danças precedentes do repertório da Trupe do Reda no palco, Mahmoud Reda se voltou para os personagens e o ambiente que o influenciaram em sua juventude. São suas próprias impressões dos costumes e das tradições da sociedade em que ele cresceu e da cultura em que ele estava imerso. Muitos dos personagens que ele retratava em suas danças eram figuras típicas urbanas encontradas nos bairros antigos do Cairo.

Os personagens que ele escolheu para retratar por meio da dança possuíam qualidades de movimento e maneirismos que poderiam ser expressos através da dança. Foi a primeira vez em que esses personagens foram feitos para dançar no palco. Ele criou movimentos a partir dos movimentos e ações comportamentais familiares. Ele introduziu as possíveis variações e derivações de dança que ele achou ter um efeito natural sobre as qualidades de movimento, a postura e a atitude . Ao fazê-lo, ele fundiu os traços de movimento e os gestos específicos desses personagens com passos inovadores de dança. Criou, assim, uma linguagem de dança muito específica

para as suas coreografias. Desta forma, a dança cresceu a partir de movimentos não dançantes.

Os trajes e os acessórios desempenharam um papel importante ao influenciar a maneira com que os seus usuários se movimentavam e os manuseavam. Mahmoud Reda atentou a como diferentes tipos de roupas e adereços determinavam o modo como os personagens que ele apresentava no palco dançavam destacando a maneira de movimentar os seus itens pessoais. Bint al-balad e o millayah ofereceram a Mahmoud Reda mais possibilidades de manuseio e integração nos movimentos de dança. Sawsan al-masiri, em seu "Ibn el balad: A concepção da identidade egípcia" descreve eloquentemente os movimentos pelos quais a bint al-balad faz ao sair de casa como a seguir:

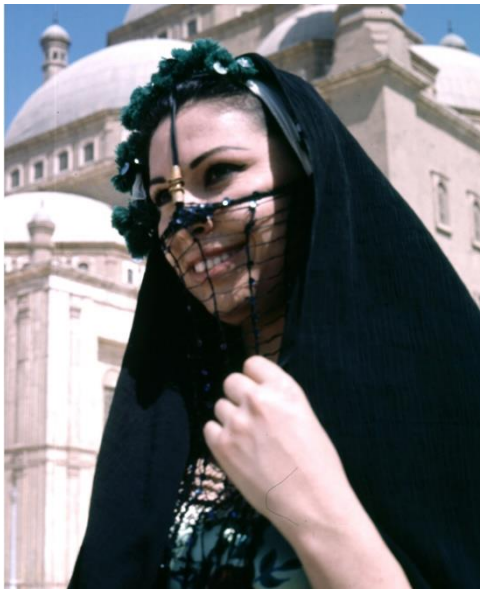
> Bint al-balad se envolve no millayah de tal maneira que o seu diafragma e seu quadril são claramente delineados para mostrar as linhas de sua figura escultural. A capa permite com que uma parte do corpo se mostre, como o braço despido, enquanto a outra esteja coberta ... (...) no entanto, o lenço deve cobrir o seu cabelo, e geralmente solto o suficiente para deslizar continuamente até a metade, com paradas frequentes e necessárias para ajustá-lo e o millaya. Assim, a bint el balad pode tirar o seu lenço no meio da rua, amarrá-lo novamente em seu cabelo, e logo enrolar o millaya mais uma vez ao redor de seu corpo, tudo isso permitindo com que ela execute uma série de gestos encantadores que atraem a atenção de quem passa...

A influência do millaya na linguagem corporal e na comunicação não verbal da bint al-balad foi introduzida e agregada aos movimentos e passos, e, depois, fundidas na coreografia. O millaya se tornou indispensável e uma extensão do processo de movimentação. Os movimentos introduzidos se tornaram um estilo inovador e único.

Depois de 50 anos, muita informação equivocada foi disseminada através de gerações e gerações pelos professores egípcios e estrangeiros. Isso se deve ao fato da informação ter sido transmitida erroneamente pelos professores egípcios nos anos de 1980 de 1990 do século passado. Esses professores não informaram a diferença entre o que era tradicional ou nativo e o que era produto do gênero teatral de dança que era muito peculiar na Trupe do Reda. Isso aconteceu tanto pela falta de conhecimento e descuido quanto pela falta de aptidão artística.

Eu sinceramente esperava que esses professores, que foram alunos ou que conheciam o trabalho de um mobilizador tão importante como Mahmoud Reda, tivessem ao menos tentado apresentar os movimentos coerentes e típicos originários do processo de movimentação da bint al-balad.

Por que a frustração?



Eu fiquei afastada das viagens e de lecionar por muitos anos. Foi uma escolha que eu fiz depois da morte de meu marido. Eu também decidi permanecer ao lado de minha mãe para cuidá-la e desfrutar de sua companhia. Depois de sua morte, eu comecei a viajar e lecionar em muitos países ao redor do mundo. Ao participar dos recitais e das competições “obrigatórias” que sempre acontecem nos festivais de dança do ventre, eu me deparei com mulheres jovens dançando com o que era supostamente o millaya. Elas vestiam vestidos bregas, com babados, com cores muito chamativas, e muito curtos. Elas tinham em suas mãos ou pendurados nos seus braços como um acessório um tecido de gaze brilhante e cintilante, ou uma versão menor do millaya que era em seda preta ou colorida, e sempre cobertas de moedas de plástico brilhante.

Nessas apresentações, as bailarinas estavam completamente alheias (sem culpa alguma) da dinâmica, energia, temperamento, estética, linguagem corporal, preferência de movimento e gestos das egípcias. Essas bailarinas desfilavam, seus passos eram alegres e suas expressões e gestos eram completamente estranhos ao padrão egípcio. Os movimentos eram cheios de trancos, requebradas, batidas de peito e shimmies, e muitos movimentos sedutores que lembravam os movimentos que seguiam as tendências da dança do ventre da época. Durante a dança, o suposto millaya era surrado, rodado e

lançado como se evocasse o modismo das líderes de torcida. Em algumas partes do mundo, alguns dos professores estrangeiros, sem que soubessem, chegaram a retratar as portadoras do millaya descrito acima como prostitutas e mendigas que dançavam nas ruas. Elas tiveram ainda que mascar chicletes para enfatizar o ponto.

Depois de assistir tais performances, eu era sempre deixada em um estado de desilusão e frustração. Eu me perguntei muitas vezes por que eu ficava tão desapontada? Depois de refletir e de tentar entender o porquê eu me sentia de tal maneira, eu percebi que haviam duas principais razões. A primeira era que, por 25 anos, eu dancei ao lado de Mahmoud Reda e conseguimos, por meio da minha dança e da genialidade criativa do Reda, levar aos palcos outro estilo de dança que enriqueceu a nossa tradição teatral. Eu esperava, ao menos, que alguns dos professores pudessem ter sido capazes de levar adiante e desenvolvido esse estilo de dança e seu vocabulário de movimentos. O que aconteceu ao invés foi uma distorção que se estabeleceu e a apresentação dessa deturpação pelas bailarinas em várias partes do mundo. A segunda razão era que o millaya fazia parte da herança cultural do meu país. Eu amo e respeito o meu país e carrego as pessoas e suas tradições em meu coração. Quando eu dançava com o millaya, eu sentia um profundo respeito e orgulho que era, certamente, sentido pelo meu público.

Artigo por Farida Fahmy, 2014

Por favor, note que a permissão para a reprodução, citação, ou uso de qualquer artigo pelos professores deve ser solicitada por escrito ao escritório da Farida. E-mail: office@faridafahmy.com

Imagens: Arquivos pessoais de Mahmoud Reda

Design/web: Keti Sharif
www.ketisharif.com

Tradução: Fernanda Gomes- Escola Gateway English School
www.gateways.com.br